

INTELECTUAIS E MOVIMENTOS SOCIAIS:

A ATUAÇÃO DE FRANCISCO JULIÃO JUNTO ÀS LIGAS CAMPONESAS¹

BONI, Célio Diego

SILVA, Elisangela Francisca²

RESUMO

O estudo sobre personagens históricos nos leva a entender alguns processos, inclusive os educativos, dentro e fora das escolas, assim iremos apresentar o advogado, intelectual e ativista, dos direitos dos trabalhadores rurais das ligas camponesas criadas em Pernambuco entre as décadas de 1950 e 1960, Francisco Julião, com foco em situa-lo como um educador social, a partir de suas ações, agindo de maneira didática junto ao campesinato, buscando informar e causar uma formação política, lutando pela diminuição da exploração dos camponeses que sofriam no período de total declínio dos engenhos de açúcar. A discussão realizada traz o movimento social rural, como um instrumento de mudança, partindo de pequenas reivindicações, como o enterro digno de seus mortos, até a tão sonhada reforma agrária, divulgada de forma incisiva na frase “Reforma agrária na lei ou na marra”, ditas várias e várias vezes por Julião, em seus discursos, mesmo no Congresso Nacional. A partir destas discussões, apresentar um de seus escritos mais divulgados, a sua carta-testamento escrita no cárcere, “Até Quarta, Isabela!” onde ele poetiza sua biografia, buscando retirar todo o rancor de seus escritos criando nesta um processo de apresentação do que houve no Brasil, durante o período em que esteve à frente das Ligas, até o momento em que é preso como subversivo durante a Ditadura Militar. Portanto, todo o processo de pesquisa tem o objetivo principal de classificar as ações de Francisco no papel de um Formador e Educador, no espaço em que atuava.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco Julião. Ligas Camponesas. Movimento Social. Educador Social.

1 Texto revisado em língua portuguesa por Cyber da Bek@ - beka.cyber@gmail.com e em normas de apresentação por Cyber da Bek@ - beka.cyber@gmail.com.

2 Artigo científico elaborado como requisito final do Trabalho de conclusão de Curso de Pedagogia, no ano de 2013, sob orientação do Mestre Luiz Antônio de Oliveira.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa bibliográfica teve como norte a questão: em que medida Francisco Julião contribuiu para a organização das ligas camponesas como educador social?

Para tratar a questão definiu-se como objetivo geral descrever a biografia de Francisco Julião, bem como suas práticas nos movimentos sociais do período recortado, com o intuito de detalhá-lo estabelecemos como objetivos específicos: organizar a biografia de Francisco Julião de forma a evidenciar o homem, o cidadão, o militante e o mito; contextualizar o período histórico brasileiro em que eclodem as Ligas camponesas; apresentar a origem, o desenvolvimento e as ações das Ligas Camponesas; estabelecer Francisco Julião como educador social a partir dos objetivos anteriores e da análise da carta testamento – “até quarta, Isabela!” – de sua autoria.

Assim, o estudo justifica-se por sua relevância histórica, considerando pesquisas que consagram a importância dos educadores desconhecidos da educação formal³, pois agiram fora das escolas e institutos de educação. Com suas ações e pensamentos e seus consequentes resultados, contribuíram com a formação de segmentos sociais específicos, como é o caso de Francisco Julião e as Ligas Camponesas nas décadas de 1.950 e 1960. Julião tinha uma forma de ensino onde se ressalta a metodologia de informação e formação que usa de material e relação didática fundada no Código Civil, devido ao respeito pela lei escrita (STEDILE, 2006), mas de forma contundente, aproveita as origens e a fé do povo ao utilizar da Bíblia e da vida dos santos para constituir em sua carta-testamento “Até quarta, Isabela!” por exemplo, um comparativo entre o marxismo e ao cristianismo, e

3 A Educação Formal para Gohn (2006) é aquela que acontece nas escolas, com conteúdo historicamente sistematizados e pré-estabelecidos nos currículos com uma carga horária para a aprendizagem destes conteúdos pré-determinada. Este tipo de educação não é neutro, há uma intencionalidade política e ideológica nas teorias pedagógicas que são operacionalizadas nas escolas, que por sua vez norteiam a prática do professor e também do alunado. Já a Educação Informal se efetiva em ambientes informais como a casa e a rua. Mesmo sem frequentar a escola e sem ter um professor ela se efetiva, tendo em vista que parte da socialização do indivíduo, ou seja, a partir das múltiplas relações humanas se estabelecem trocas de experiências, valores, usos, costumes, etc: situações de aprendizagem.

também em sua “Carta de Alforria do Camponês” em que ele compara o camponês a personagens da fé católica.

O tema proposto instiga questões relacionadas à forma de intervenção de intelectuais e/ou formadores de opiniões, acostumados a discutir em grandes rodas de nomes importantes para a sociedade com temas abstratos, nas comunidades mais simples e pobres como se dava essa relação. Tais questões, dentre outras, abordamos no estudo proposto.

O processo metodológico do estudo encerra-se na condição bibliográfica da pesquisa. Desta forma, as fontes bibliográficas foram objetos de leituras e organização de apontamentos que respondessem à construção dos itens do trabalho que, por sua vez, devem atingir os objetivos propostos. Procedimento idêntico utilizou-se com a publicação “Até quarta, Isabela!” que foi escrita na forma de carta-testamento por Francisco Julião.

Desta forma o texto está estruturado nas seções “Francisco Julião: o homem, o cidadão, o militante e o mito”, apresentamos a vida e a militância de Julião, de forma a compreender-se a sua função como educador social. No interior do movimento social camponês, situamos o personagem histórico Francisco Julião em sua ação em prol das ligas e assim analisar seu papel como educador social. No tópico seguinte “Contexto, origem, o desenvolvimento e as ações das Ligas Camponesas”, abordamos o processo histórico brasileiro no interior do qual as Ligas Camponesas apresentam-se como um movimento social que surge antes do período militar, e é suprimido por ele, de forma radical e sem chance de se apresentar uma contra proposta. Na sequência discutimos como um movimento que nasce de lutas por melhores condições de enterrar seus mortos consolida-se como organização em função de outras demandas de insatisfações identificadas na relação com o poder do latifúndio. Fechamos o texto com “A análise da carta-testamento – Até quarta, Isabela!”, apresentamos essa publicação como um meio de difundir ideias de conscientização aos seus leitores e assim, instigá-los a manterem-se fiéis a causa defendida, melhoria da vida dos desprovidos de poder, e perceberem o quão as autoridades por muitas vezes manipulam de forma explícita aqueles que não detêm os conhecimentos para assim lutar por seus direitos. Desse modo, esta publicação não segue os critérios de um periódico formal, mas tem o intuito de informar e de

modificar a visão de quem o lê, sobre os fatos que aconteciam na época em que as ligas perderam a força e foram abafadas, discutindo de forma eufemística os problemas e as contradições enfrentadas por ele.

1. FRANCISCO JULIÃO: O HOMEM, O CIDADÃO, O MILITANTE E O MITO

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam. (Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido).

Usando desta frase escrita no livro de Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido, um pensador contemporâneo a Francisco Julião que também nasceu em Pernambuco, que usou dos mecanismos que dispunha para conseguir conscientizar e alfabetizar lavradores no nordeste, serve também para trazer o papel de Julião nas Ligas, como um educador fora dos muros escolares.

Paulo Freire (1921-1997), dedicou-se a educação popular, o trabalho fora da escola, focando na alfabetização de jovens e adultos, para que estes saíssem da condição de indigentes e se colocassem como indivíduos capazes de agir no meio em que estavam inseridos. Assim como Julião, Freire teve forte influência em grupos de lavradores, promovendo processos educativos por meio da realidade de seus educandos, ele usou a metodologia dos Temas Geradores que nada mais é que o levantamento de palavras dentro do cotidiano dos alunos, para dar significação ao que será estudado.

Os dois pensadores se aproximam no requisito de que ambos, agiram e usaram seus conhecimentos para contribuir e lutar nos grupos sociais marginalizados e por se rebelarem contra a sociedade que oprime estes, foram encarcerados e posteriormente exilados, Freire produz uma de suas mais importantes obras Pedagogia do Oprimido e Julião, ainda no cárcere produz Até Quarta, Isabela!, e ambas tem esse fundo revolucionário, fundo este que pretende

divulgar as visões de mundo ali expressas e promover a mudança no posicionamento de quem os ler.

Desse modo podemos dizer que estes dois pernambucanos “arretados”, contribuíram com a mudança nos espaços em que atuaram, no tocante a forma como se aproximaram, ambos obtiveram êxito, pois suas metodologias foram coerentes com a realidade daqueles que eles pretendiam atingir. Assim, mesmo eles tendo formações diferentes, e atuando de forma diferente –Freire primava a alfabetização e Julião a formação política – conseguiram criar naqueles que os ouviam uma visão política em relação a sua realidade e prepara-los para a escrita e a leitura.

E apesar de convergirem em vários pontos Paulo Freire faz parte da formação de professores, quando se discute a educação popular ou a educação que não se encaixa no molde escolar, mas Francisco Julião, não foi considerado da mesma maneira e para discutirmos e situar Julião como educador social, precisamos conhecer sua vida e suas ações.

Que falem os acadêmicos. Que se digam aqui palavras brilhantes, mas que ninguém desconheça que lá fora o povo ulula, o povo clama, o povo desperta, o povo se politiza e, na medida em que ele desperta, ulula e se politiza, vai desconhecendo a existência de um Congresso que tem estado alheio às soluções mais profundas exigidas pelo povo. Nós outros, que temos estado em contato com essas camadas mais esmagadas do povo brasileiro, nas poucas vezes em que aqui chegamos não compreendemos mais a linguagem deste Congresso, não mais sentimos este Congresso. (JULIÃO, apud SANTIAGO, 2001, p.14).⁴

Do ponto de vista de suas origens, sua história é uma contradição. Filho de senhores de engenho e ateu atuou em meio à organização e defesa dos camponeses e usou a bíblia como fundamentos de seus argumentos para atingir seus interlocutores, além de colaborar na alfabetização, pois incentivava o exercício da leitura e da escrita.

4 Discurso de Julião, no dia 31 de Março de 1964 no Congresso Nacional, dias antes de perder os direitos políticos e ter que fugir para Belo Horizonte.

Durante a ditadura civil-militar no Brasil, em 1964 foi preso e, posteriormente libertado pela força legal de um Habeas corpus (1965). Na sequência foi enviado ao exílio no México. Só retornou ao Brasil no ano de 1979, por ocasião do decreto de anistia. Todavia, resolveu regressar ao México, onde viveu até o dia de sua morte em 10 de julho de 1999.

Sua ligação com as Ligas Camponesas aconteceu quando ele foi procurado pelos camponeses em dezembro de 1.954, em sua própria casa, onde os recebeu de for amigável. Este movimento deu início à história contemporânea do campesinato brasileiro.

No início o Partido Comunista Brasileiro (PCB) teve ligação com as Ligas Camponesas, mas foram rompidas devido às diferenças ideológicas, pois houveram conflitos em relação a forma com a qual a reforma agrária seria implementada, se seria por decreto político ou como Julião e seus militantes diziam “na lei ou na marra”. Assim, dentro do movimento campesino houve uma cisão entre os militantes que buscavam a melhoria de suas condições apenas nas discussões políticas e os chamados “Julianistas”, militantes que seguiram Julião, que postulavam usar de todos os recursos para conquistar a reforma agrária. (SANTIAGO, 2006).

De início foi criada a Sociedade Agrícola de Pecuária e Plantação de Pernambuco (SAPPP), na cidade de Vitória do Santo Antão (no Engenho da Galileia), que em seu início pautou-se em caráter assistencialista para atender apenas as necessidades básicas, como um enterro mais digno aos mortos.

Julião nasceu no dia 16 de fevereiro de 1.915, nasceu em berço de ouro, pois era neto de senhores de engenho, mas este não era como os demais, ele considerava seu avô paterno, Francisco de Paula, um homem bom, pois o trato com quem trabalhava em suas terras era diferenciado do modo como os outros senhores de engenho tratavam seus empregados. Julião dizia que havia herdado, além do nome, também os sonhos do avô, pois também acreditava que poderia haver um melhor tratamento aos camponeses que já tinham uma vida tão sofrida. E como foi criado entre os camponeses, ele sentia as decepções dos camponeses, uma vez que assistiu a expulsão de vários camponeses, sem ter como intervir. Dessa

experiência, nasceu seu envolvimento inicial, que posteriormente o levou a participação tão concreta, neste movimento.

Julião foi o nome que deu a si mesmo, já que o que constou em seu registro de nascimento foi Francisco Juliano de Paula, mas o Juliano não era de agrado o que o levou a buscar informações. O nome dado pela mãe despertou-lhe interesse, a partir disso realizou pesquisas sobre o assunto. Os resultados não o agradaram; assim adotou Julião por ser o nome do santo de sua devoção “São Julião”, o qual o dia de seu nascimento é dedicado (SANTIAGO, 2001).

Seu avô, no período escravocrata no Brasil, apoiava o movimento abolicionista e as ideias de Joaquim Nabuco (1849 - 1910)⁵, levantando confronto com outros proprietários de terras da época, seu avô hospedou Nabuco em sua residência quando este passou por sua cidade. Apesar de não ter conhecido seu avô, que falecera no dia do nascimento de Francisco, nutriu por ele grande admiração, procurando seguir seus princípios. Entre os quais aquele de que apesar das diferenças econômicas os homens são iguais. (SANTIAGO, 2001). A vida levou - o a descobrir, da forma mais dura, a defesa dos direitos dos camponeses, que o avô não tinha razão.

Já de seu pai, Adauto Barbosa de Paula, Julião herdou a justiça, por isso que não admitia verdades pela metade, posicionando-se de forma firme e mantendo seu ponto de vista. Da mesma forma, que em relação ao avô, a herança do pai não resistiu ao embate com a realidade em que viviam os camponeses. De outro lado, redefiniram-se seus ideais de igualdade e de justiça.

Estudou no Instituto Carneiro Leão em Recife, um internato onde ficou por quatro anos. Para um menino que tinha o hábito de frequentar grandes espaços abertos, subir em árvores e muito mais, considerou este lugar uma prisão por um ano, mas admitiu que foi um local que lhe abriu novas possibilidades como ele afirma:

Durante um ano vivi como um pássaro engaiolado, de uma grade para outra, buscando a liberdade. Custou-me

5 Joaquim Nabuco se opôs de maneira veemente à escravidão, contra a qual lutou tanto por meio de suas atividades políticas e quanto de seus escritos. Fez campanha contra a escravidão na Câmara dos Deputados em 1878 e fundou a Sociedade Antiescravidão Brasileira, sendo responsável, em grande parte, pela Abolição em 1888. (Fundação Joaquim Nabuco)

a adaptação a essa nova vida de que não guardo lembrança grata, pois foi naquela prisão onde, paradoxalmente, o meu espírito se munuiu das asas necessárias para voar mais longe, que eu conheci certas formas de torpeza e de egoísmo. (JULIÃO, apud SANTIAGO, 2001, p.14).

No ambiente escolar já demonstrava sua tendência a promover mudanças relacionadas ao tratamento com que tinha seus direitos retirados, pois em um relato ele conta que jogava as xícaras ruins no terreno vizinho, para que os meninos que chegassem por último no refeitório tivessem acesso a melhores xícaras, pois a lei interna era que quem chegasse primeiro poderia ficar com elas. Julião conta que várias vezes teve de utilizar xícaras quebradas, entretanto, mesmo agindo para garantir os direitos de todos, eles sofreram sanções, pois o café servido se tornou mais ralo.

Aos 18 anos foi para o ginásio pernambucano para concluir o ensino secundário. Depois de formado, sentindo a necessidade de ter sua independência financeira junto com o amigo Antônio Alcoforado de Almeida, comprou uma escola para meninas: o Instituto Monsenhor Fabrício (SANTIAGO, 2001). Neste período iniciou seus trabalhos sociais, mais explícitos, uma vez que das muitas meninas que eram pobres e não tinham como pagar, não era cobrado as mensalidades e frequentavam normalmente a escola nas mesmas condições das demais.

Seu papel social neste momento é de grande importância, pois ele deu acesso às meninas que não poderiam frequentar as escolas da época a terem educação, como as meninas mais abastadas, assim ele já demonstra seu viés social e sua estima pela educação.

Durante o governo de Getúlio Vargas, no final da década de 1.930, próxima a Segunda Guerra Mundial, um amigo enviou-lhe uma carta que elogiava Marx e, devido à censura nos meios de comunicação, a carta ficou em poder das autoridades da época. Isso causou a primeira prisão de Julião pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que considerou como um ato subversivo e além de interceptar a carta também revistou sua casa, onde encontraram mais “provas de sua subversão” (SANTIAGO, 2001): o livro Casa-grande e Senzala, de Gilberto

Freyre e Jesus é um Mito, de J. Balmes. Mas ficou preso apenas um dia e uma noite, por não ter sido considerado um “subversivo perigoso”.

Julião diz que passou como uma sombra pela universidade e por seu curso de Direito, o qual optou por não ter tempo, pois a ideia inicial era cursar Medicina, mas as aulas na sua escola demandavam muito tempo, na preparação das aulas e nos cuidados com as meninas. Ele formou-se em 16 de dezembro de 1.939 e já entrou em contenda judicial acirrada pelo fim do cambão, que se trata de uma modalidade de serviço do nordeste no qual o trabalhador dedicava alguns dias de trabalhos gratuitos ao proprietário da terra, como forma de pagamento por permitir que morassem em suas terras.

Ele foi considerado um advogado brilhante e incomum, adjetivos que adquiriu quando devido a uma de suas causas mais conhecidas que foi a defesa das prostitutas de Recife, para que continuassem com suas atividades. Essa foi uma disputa difícil, pois na época havia forte preconceito, porém, para Julião era um compromisso socialista defender o direito deste tipo de profissional como de qualquer outro, pois feria o direito de ir e vir.

Francisco Julião teve seis filhos, uma delas era Moema de Paula, filha de uma camponesa que trabalhava na propriedade de sua família, esse fato nunca foi reconhecido publicamente. Depois disso casou-se com Alexina Crêspo, sua única esposa legal. Alexina era uma ex-aluna, dos tempos de professor particular, 11 anos mais nova que ele. Com ela teve quatro filhos: Anataílde, Anacleto, Anatólio e Anatilde (SANTIAGO, 2001).

Ainda casado iniciou um romance com uma advogada, Regina de Castro. Desse romance nasceu Isabela, filha para quem dedica sua carta-testamento, escrita quando esteve preso durante a ditadura militar. Após separar-se de Alexina, Julião conheceu Marta Rosas, com quem viveu até morrer (SANTIAGO, 2001).

Só após o seu envolvimento efetivo com as ligas é que seu lado de político apareceu. Isso devido ao grande destaque tanto nacional quanto internacional que se tornou, exercendo forte influência sobre os grupos de esquerda da época levando a se eleger como deputado (PORFÍRIO, 2009).

Como já apontado, seu destaque o levou a ser conhecido fora do país e assim se tornou amigo de Fidel Castro e Che Guevara que amava a revolução e queria que os camponeses tivessem nela um lugar de destaque. Julião gostava de chamar-se agitador, talvez o último do Brasil, já que hoje ninguém gosta de ser chamado assim (SANTIAGO, 2001).

2. CONTEXTO, ORIGEM, O DESENVOLVIMENTO E AS AÇÕES DAS LIGAS CAMPONESAS

O aparecimento definitivo e explícito das Ligas Camponesas situa-se nos períodos denominados de redemocratização do país, depois da ditadura do presidente Getúlio Vargas, quando movimentos sociais ficavam sob a vigia do governo para que não saíssem de seu controle. Então suas ações mais concretas ocorreram neste espaço de tempo.

Mas antes mesmo do término do Estado Novo⁶ no ano de 1.944 foi assinado um decreto que autorizava “a organização sindical rural de assalariados agrícolas” (STEDILE, 2006). Assim mesmo sob algumas condições os movimentos poderiam organizar-se, com o fim do “Estado Novo” as primeiras organizações de trabalhadores rurais são formadas. Uma das primeiras a formar-se foi no Rio de Janeiro que defendiam os posseiros e recebeu o nome de “Associação dos Lavradores Fluminense” no ano de 1948. A partir disso, vários outros movimentos surgiram para contribuir com a luta do campesinato.

⁶ **Estado Novo:** O período autoritário que ficou conhecido como Estado Novo teve início no dia 10 de novembro de 1937 com um golpe liderado pelo próprio presidente Getúlio Vargas e apoiado, entre outros, pelo general Góes Monteiro. Para que ele fosse possível, foi preciso eliminar as resistências existentes nos meios civis e militares e formar um núcleo coeso em torno da ideia da continuidade de Vargas no poder. Esse processo se desenvolveu, principalmente, ao longo dos anos de 1936 e 1937, impulsionado pelo combate ao comunismo e por uma campanha para a neutralização do então governador gaúcho Flores da Cunha, considerado, por seu poder político e militar, um obstáculo ao continuísmo de Vargas e à consolidação de um Exército forte, unificado e impermeável à política. (Fundação Getúlio Vargas).

O período que corresponde à ditadura militar no Brasil está recheado de perdas e obscuridades. Decorridos mais de 20 anos de seu fim ainda permanecem desaparecidos, assim como documentos, informações e outras formas de registro foram perdidos.

As Ligas Camponesas, como tantos outros movimentos sociais de mesmo intuito tiveram grande repercussão entre 1954 e 1964, período em que se engendrou e foi deflagrado o golpe civil-militar no Brasil. O poder estabelecido a partir de então exerceu forte repressão no sentido de suprimir todos os movimentos sociais. Francisco Julião é incorporado à lista dos subversivos e colocado na prisão. Do cárcere, durante o período de ostracismo, escreveu uma carta para sua filha Isabela, que havia nascido naquele ano, mas que ele ainda não havia conhecido. A epístola apresenta os inúmeros fatos e informações que a menina, assim como todos os brasileiros deveriam saber, mas que fora escondido pela ditadura militar brasileira.

O entendimento do processo que permitiu o golpe de 1.964 e instalou um regime militar dos mais horrendos da história brasileira, exige que retornemos a anos antes do golpe.

Logo no início da década de 1.960, Jânio Quadros, é eleito presidente, mas não concluiu seu mandato. Seu vice-presidente João Goulart assume o poder, desagradando alguns setores do governo e da elite. Então inicia-se o processo de constituição do golpe, com apoio claro dos Estados Unidos da América (EUA).

No início de 1.964, alguns setores começaram esse movimento sem que fossem levados em consideração. Mas no dia 31 de março de 1.964, um grupo de militares entrou em marcha em Belo Horizonte, Minas Gerais. O golpe realmente foi “escancarado” na madrugada de 1º de abril, os golpistas deram o nome de revolução e dizem que foi aberto todo o processo, assim como a tomada do poder, já a esquerda aponta que tudo foi realizado às escondidas. Então “Jango” foi destituído de seu cargo e exilado no Uruguai.

Para entendermos como esse momento influenciou a vidas dos brasileiros, principalmente aqueles ligados a movimentos sociais e que questionavam as ações do governo, é necessário discutir as Ligas Camponesas,

percebendo suas conquistas e como elas foram enfraquecidas pelo golpe deflagrado.

No ano de 1.955, no Engenho da Galileia em Vitória do Santo Antão, em Pernambuco um movimento de camponeses – em sua maioria analfabetos – começou a perceber que algumas ações dos ditos senhores de engenho, atingiam diretamente suas vidas de forma totalmente arbitrária, pois nem poderiam enterrar seus mortos de forma digna (STEDILE, 2006). Mas suas contendas foram além desta única reivindicação e requeriam melhores condições, também em vida.

O crescimento do movimento buscou também a defesa dos camponeses, para que não fossem expulsos de suas terras sem a menor consideração ao que construíram ali, e assim conseguissem viver com certa estabilidade nos engenhos em que constituíram lar. Era prática do senhor do engenho, por qualquer motivo expulsar famílias de suas casas. Não importavam os longos anos trabalhados. Esse processo gerou grande indignação entre os trabalhadores, mas que permaneciam reféns de uma diferença de poderes e influencias, sem vislumbrar formas de defender-se, acabavam por submeterem-se aos caprichos desses senhores.

As ligas camponesas ganharam força ao receberem o apoio de Francisco Julião, advogado que também elegeu-se deputado, como já apontado após sua ação junto aos camponeses, por este motivo ele não se considerava o criador das Ligas Camponesas, mas sim um indivíduo que contribuía para que ela alcance êxito. Sua militância em torno das causas sociais lhe colocou em destaque entre os menos favorecidos. Entre suas ações registramos a defesa em prol das prostitutas do Recife. Sua ação fez com que as lideranças das Ligas Camponesas fizessem contato para uma parceria e uma ajuda, devido ao desprendimento do advogado e de seu conhecimento de causa em relação à forma de tratamento a que os trabalhadores estavam submetidos por seus patrões. Atendeu prontamente aos convites dos moradores do engenho da Galileia, e a partir daí envolveu-se profundamente na luta deste movimento social.

As ligas camponesas foram o principal movimento camponês de massa da década de 1960 e colocaram, na ordem do dia, sua palavra de ordem: Reforma Agrária na lei ou na marra. (STEDILE, 2006)

Antes de Julião o movimento existia, porém de forma não organizada e com líderes que tiveram um alcance local, sem grande divulgação fora do espaço em que atuavam. Os camponeses, anteriormente, já o procuram na categoria de advogado, para defender suas causas, mas de forma individual, para atender a interesses apenas de suas famílias, sem perceber todo o processo de exploração velada, entretanto essa relação foi além e deu ao movimento condições de construir e gerar repercussão na sociedade e no embate frente aos grandes senhores de engenho que dominavam o sertão pernambucano.

O aparecimento das Ligas Camponesas deu-se em Pernambuco na década de 1.950, seu principal idealizador foi o deputado federal e também advogado Francisco Julião Arruda de Paula do Partido Socialista Brasileiro (PSB), tendo também o apoio do Partido Comunista (PC) e de alguns setores da Igreja Católica, como foi apontado havia o movimento ruralista, mas ainda não havia sido denominado “Ligas Camponesas” e não tinha a organização que deu realce a sua ação. O movimento que começou com pequenas reivindicações tornou um movimento de amplitude nacional, no pouco tempo que atuou, aproximadamente dez anos, reivindicando o direito a terra e em defesa da reforma agrária, subsidiando uma melhor divisão dos meios de produção no campo.

Inicialmente eram pequenas as organizações e as reivindicações que aglutinavam plantadores, foreiros⁷ e os trabalhadores dos antigos engenhos de açúcar. Esse movimento de repercussão nacional teve suas raízes no Engenho Galileia, em Vitória do Santo Antão, onde se situavam 140 famílias de foreiros. O movimento inicialmente autodenominou-se de Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP).

Várias são as versões para a criação das ligas. Uma delas é a reivindicação por melhoria no tratamento com os mortos, desejando assim que estes fossem enterrados em caixões e não jogados em valas comuns como era de costume. Porém, a mais completa das versões informa que está sociedade tinha objetivos mais amplos como conseguir recursos para a melhoria da educação e

7 Os foreiros eram os trabalhadores que aforavam a terra para o plantio de cana-de-açúcar na qual maior parte do lucro ia para o senhor de engenho.

saúde e também a melhoria das condições de produção, escolheram como presidente de honra o próprio proprietário do engenho Oscar de Arruda Beltrão. Contudo a escolha de um proprietário do engenho como líder da SAPPP gerou temor em outros proprietários, pois a rentabilidade das produções cairia.

As ligas acabaram por provocar a reação negativa do filho do proprietário engenho escolhido como presidente de honra, que em reação imediata aumentou os custos do foro e fez várias ameaças de expulsão, na tentativa de apelar o movimento e atender a seus interesses. O mesmo tinha outros projetos para o engenho Galileia, ele iria transformar o local em uma fazenda de criação de gados, pois a produção de açúcar estava em declínio e não rendia lucros tão elevados quanto outrora, na visão dele seria mais fácil realizar esse tipo de atividade se os moradores não estivessem mais ocupando o local, mesmo os camponeses não oferecendo nenhum tipo de ameaça, essa iminência de expulsão provocou a reação da liga que resolveram lutar por seu direito de se manter, no local onde residiam. Outros proprietários com receio da situação entraram na justiça contra a liga, que foi aconselhada a deixar de existir pelo próprio líder Oscar Beltrão que deixou o cargo, mas desta vez seria diferente. Para lutar na justiça contra estas imposições os representantes do SAPPP chamaram o advogado Francisco Julião Arruda de Paula, o qual aceitou o convite para a defesa dos mesmos. Quando clamaram a ajuda de Francisco Julião os camponeses ainda se organizavam em forma de sociedade (SAPPP), porém com o tempo e com a repercussão das reivindicações começaram a ser chamados de a Liga pela imprensa, foi ai então que adotaram o nome e passaram a ser as Ligas Camponesas.

Os periódicos da época, como o jornal “A Voz do Campo” e o “Correio da Manhã”, disseminaram essa denominação. A partir disso, dependendo da posição política do jornal, eles poderiam ser colocados como um movimento social em prol dos menos favorecidos, explorados por grandes produtores ou citados como baderneiros que apenas queriam atrasar o progresso no campo. Que foi o caso dos dois jornais supracitados, em que o primeiro apresentava a ação das ligas, como forma a superar os grandes problemas sociais da sociedade brasileira, e o segundo os colocava como um dos problemas da sociedade brasileira.

Ao analisar alguns periódicos fica evidente a forma com que exploravam a ação dos camponeses, quando atendia ao povo as ligas, assim como outros grupos sociais eram movimentos de liberdade e igualdade, mas se estivessem submissos ao governo, a apresentavam com desdenho. Portanto, a leitura desses dois periódicos evidenciou a divergência de opiniões, e ao mesmo tempo deixou clara a influência do governo da época na circulação de informação no país, o que demonstra que a ação de Julião, assim como de outros intelectuais se fazia extremamente importante.

A vitória dos camponeses só veio em 1.959, quando foi aprovada a proposta de desapropriação do engenho que acabou por se tornar o primeiro núcleo das Ligas Camponesas, resultando em consequências contraditórias. De um lado, apaziguou os ânimos mas por outro incentivou novas lutas para uma reforma agrária radical. Ao longo do ano de 1.959 as Ligas Camponesas se espalharam por outros estados como Paraíba e Paraná o que aumentou o impacto político da época.

Francisco Julião se tornou o nome de referência das Ligas Camponesas, a ponto de identificar-se seu nome com as mesmas. Em parte de sua ação, Julião reuniu estudantes, idealistas, visionários, alguns intelectuais, entre outros como advogados e políticos, foi eleito deputado federal por Pernambuco logo após ter sido deputado estadual pelo mesmo estado. A notoriedade de Julião no campo político deveu-se em grande parte pela repercussão das Ligas, pois atraiu olhares não só de políticos brasileiros, mas também de grandes líderes mundiais. Tornou-se um símbolo do terceiro mundo emergente elevando a Liga e levando-a a outros países. As Ligas Camponesas voltaram os olhares do mundo para Pernambuco.

Porém, os sonhos dos camponeses acabaram com a implantação do regime militar no país em 1964, pois os principais líderes do movimento como o deputado Francisco Julião foram presos, exilados ou condenados e o movimento das ligas brutalmente perseguido e tendo que tornar suas ações clandestinas, para que a luta não se perdesse e suas conquistas, não fossem esquecidas e assim não se repetisse a exploração antes vivida.

Enfraqueceu-se então, o movimento das Ligas Camponesas que por fim foi desarticulado. A Liga ainda, por um tempo, tentou ajudar os perseguidos pelo

movimento militar mais acaba chegando ao fim. As experiências da Liga que tinha como lema “reforma agrária na lei ou na marra” influenciaram outros grupos e movimentos que lutam pelos direitos a terra e a reforma agrária como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Pode-se dizer que o MST foi o principal sucessor das Ligas Camponesas.

3. ANÁLISE DA CARTA-TESTAMENTO: “ATÉ QUARTA, ISABELA!”

A apreciação de algumas fontes é complexa, pois sua constituição muitas vezes não é “formal”, ou seja, de acordo com as normas de uma publicação científica. Esse é o caso das cartas, diários e outros escritos nessa mesma esfera, pois são escritas com cunho pessoal usando a subjetividade de quem as escreve, mas muitas vezes tornam-se documentos a serviço da história, por isso este gênero linguístico é tão importante para se contar os fatos, pois quem as escreve esteve presente nestes eventos e viveu o período em questão, o que compõe melhor o quadro que estaremos analisando, assim Ribeiro (1996), pontua.

O gênero de escritos, relativos a correspondências, é ainda uma documentação pouco utilizada nos meios acadêmicos e, portanto apresenta muitos desafios metodológicos. Durante muito tempo foram desacreditadas por pesquisadores que apenas se utilizaram de documentos ditos “oficiais”. Negaram as vantagens da análise das cartas. A razão desse descrédito é justamente o que as tornam peculiares: a existência de aspectos subjetivos. “As cartas e diário têm um papel fundamental (...) complementam as notícias encontradas nos jornais e nos livros de historiadores sobre o período. A intimidade que essa documentação contém, possibilita o resgate da riqueza das representações sobre o que ocorria no cotidiano.” (Ribeiro:1996, p.10)

Como a autora apontou no excerto acima, o gênero epistolar, fica em descrédito, por seu caráter subjetivo, por expor impressões pessoais e não grandes pesquisas científicas embasadas em teóricos, mas o cotidiano só pode ser representado por estes escritos e assim, compor a história em aspectos que as grandes pesquisas deixam de lado, como as impressões e a visão de mundo que os

indivíduos participantes de determinados fatos tinham e como atuavam para tentar por em prática suas aspirações. E isso é o que acontece com a publicação "Até Quarta, Isabela!" que conta os anseios de um pai preocupado e de um cidadão engajado.

Trata-se de uma publicação escrita em 1964 por Francisco Julião, e que ele denomina de carta-testamento de sua vida política e por isso ele gostaria de registrar o momento. Usou deste meio para deixar ali registrado a sua visão sobre o acontecido – golpe civil-militar - e o que ele tinha visto até então, como suas lutas e reivindicações relacionadas à reforma agrária junto as Ligas Camponesas.

O texto apresenta sua vida, como deputado, no período em que teve que fugir para não ser preso; como camponês, nos momentos em que solicitou ajuda de algumas pessoas e lembrando-se de momentos de sua vida junto ao campesinato; como cidadão brasileiro, sendo atingido brutalmente, pela ação dos militares, assim como por ações dos "senhores de engenho" anos antes; como agitador, quando incitava o povo a ir à luta e buscar seus direitos perante as injustiças que sofriam; e como pai que amava sua filha e que gostaria que esta tivesse um Brasil melhor para viver.

Além de toda a poesia impregnada no texto construído por ele com tanta dificuldade enquanto esteve preso, dependendo apenas de tiras de papel para registrar todas as informações, pois a todo o momento ele diz que se trata de uma carta de amor - e não de ódio ou repúdio - a sua filhinha que estava com dois meses na época de sua prisão pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), como subversivo a ordem imposta pelo regime, devido ao fato dele não concordar com o que acontecia e de promover a conscientização e a formação política entre os mais explorados que ele promovia, utilizando dos meios que dispunha (Como a Bíblia e o Código Civil). Assim o livro está impregnado de sua visão e suas impressões e assim podemos dizer que:

[...]a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a "sua verdade". (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de "dizer o que houve", mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou,

retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004: 14).

A obra “Até Quarta, Isabela!”, mesmo contendo nomes, situações, locais e histórias reais, a ordem e a forma como algumas histórias foram contadas sofreram algumas alterações, foram modificadas, para que fosse coerente com a proposta que Julião tinha que era escrever uma carta de amor a Isabela e não uma carta de repúdio e ódio aos seus algozes e também para que fossem protegidas informações importantes, como a localização de alguns revolucionários, os quais os militares estavam procurando e que se por acaso os escritos de Julião fossem interceptados, seriam prejudicados.

Mas, ao comparar a obra com uma biografia de Francisco Julião, aparecem algumas diferenças em momentos e situações são poetizadas para amenizar a complexidade, a tristeza e a indignação de quem percebia que o golpe, apenas causaria feridas a história brasileira.

Essa publicação marcou de maneira profunda sua vida de advogado dos humildes, de parlamentar e líder dos camponeses (SANTIAGO apud AGUIAR, 2001).

A partir disso, evidenciamos que a carta-testamento “Até quarta, Isabela!” expõe o que ele experimentou, vivenciou e agiu, tanto como líder dos movimentos rurais como também cidadão brasileiro, que compreendia que os fatos que estavam acontecendo trariam perdas, irrecuperáveis, para o Brasil. Durante a leitura é perceptível que ele apresenta de maneira implícita durante a apresentação dos fatos, inúmeros conceitos e saberes que durante a ditadura militar foram excluídos dos currículos básicos de ensino, para assim enfraquecer a formação política, social e intelectual dos brasileiros.

Conhecimentos relacionados a formação política, filosófica e sociológica, apresentando grandes pensadores que discutiam a organização social infundida em determinadas épocas, e esses intelectuais difundiam suas ideias, mesmo sendo combatidas pelos governos que estavam no poder, um nome importante apresentado é Karl Marx, que foi até comparado a Jesus Cristo.

Julião não fez essa comparação, com intenção de ofender a religião ou com foco em enaltecer Marx como o salvador do mundo, mas foi feito isso para demonstrar que ambos, apresentaram seus conceitos e sofreram consequências relacionadas a isso e mesmo assim continuaram a defender sua visão.

Os saberes que foram negados pela ditadura são de extrema importância para a formação do indivíduo que queria promover a transformação no meio em que estava inserido, pois estes forneciam embasamento nos embates em que o resultado da discussão, evidenciava os erros do governo ditatorial.

A todo momento ele refere-se à sua filha, sempre de forma muito carinhosa tratando-a como um bem muito precioso, mas não cita em nenhum momento seus outros filhos e sua mulher Anatailde, além disso fala da mãe de Isabela, como sendo o amor de sua vida, tanto que no livro diz que construiu um recanto no “Bauzinho” para que viva com a filha.

Este local é descrito na Carta-Testamento como um espaço com paisagens exuberantes, sereno que foi construído pelo próprio Francisco Julião como forma de demonstrar seu amor e sua afeição e neste mesmo local, sua prisão ocorreu e foi descrita de maneira extremamente lírica para suavizar a agressão que estava sendo alvo.

Entretanto, ao analisar sua biografia fica claro que ele transformou este episódio, pois Santiago(2006), aponta que ele foi escondido no “Bauzinho” e que este pertencia a camponeses que conheciam Julião e suas lutas, de acordo com o autor, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) invadiu este local e prendeu alguns sitiante, enquanto Julião ficou escondido na cabana, mas ao perceber que seus companheiros poderiam perder a vida ele se apresentou como o Deputado Francisco Julião. O primeiro policial, o olhou e disse que ele não tinha mãos de deputado, mas o segundo ordenou que ele retirasse a botina que calçava e disse “[...]as mãos são de camponês, mas os pés são de deputado[...]” (SANTIGO, 2006).

No decorrer de seu relato ele indica o que sua filha deveria buscar como forma de se tornar independente intelectualmente e não depender de outros

para guiá-la, como o período ditatorial fez, com muitos brasileiros que o seguiam cegamente.

A leitura da obra oportunizou perceber que a preocupação com sua família é a mesma inquietação com as gerações construídas ao toque da ditadura, ele instrui da mesma forma que fez durante sua atuação efetiva nas ligas camponesas, com indivíduos em sua maioria analfabeta, ele usa colocações que qualquer pessoa que leia compreenda suas ideias e consiga expor a outros e a partir das informações passadas, há um processo de formação política.

Fica evidente, portanto, que além de registrar suas impressões e experiências pessoais ele pretendia atingir a grande população brasileira que sofria com esse ataque cruel do militarismo. Ataque este que atingiu de forma magistral na formação dos brasileiros, seja ela política, seja ela intelectual, para que todos fossem mais facilmente moldados nos moldes dos militares e assim abafar qualquer tipo de alteração a “ordem” estipulada pelo governo, que consistia em seguir cegamente ou sofrer duras implicações.

Ao decorrer da leitura identificamos sua preocupação em registrar de forma sucinta, simples e ao mesmo tempo profunda, a necessidade que o ser humano tem de uma formação consistente, para que não seja explorado por outros e seja capaz de questionar aquilo que parece incoerente, assim como fizeram em 1954 com a formação das Ligas, Julião age durante a ditadura militar para instruir, informar e formar.

Assim seu papel como educador social, se energiza a partir da própria compreensão que tem de sua contribuição e dos limites impostos pela realidade: o cárcere. A publicação faz emergir todo o processo que Julião propunha no sentido de que o explorado tome consciência da condição em que se encontra e se arme de armas, que não será necessariamente de ferro, mas uma arma que pode atingir de forma letal os poderosos, a arma proposta por ele é conhecer, se informar e ser capaz de propor a mudança de forma civilizada.

Julião sempre fez com que os que estavam a sua volta, os camponeses, fossem preparados com todos os argumentos que fossem embasados nas leis da época, isso levava o simples camponês, na sua maioria analfabeta e que

seguia apenas as regras impostas por “seu senhor de engenho”, a se politizarem e a partir disso propor a mudança.

Mas nem sempre ele era tão delicado, também propôs a mudança pela força, em seu livro ele não coloca esse lado agressivo, pois como já foi apontado, se tratava de uma carta de amor que pretendia apresentar a situação de uma maneira mais branda, mas em seu discurso ao plenário no dia 31 de março de 1964 ele até fala em guerra civil no Brasil, (VANDECK, 2006), apresentado a seu posicionamento como militante das causas camponesas, diz que ficou ausente no plenário, devido ao fato de estar junto aos menos afortunados, trabalhando de forma a dar voz a eles e que assim conquistassem os objetivos propostos. Todavia a carta era de amor, então apenas aponta que todos devem se preparar para os embates sociais, pelo conhecimento sistematizado.

A partir da análise realizada, pretendemos apontar que essa publicação, é uma amostra de que as ações de Francisco Julião, contribuíram com a formação e a informação de grupos sociais, que sofreram medidas repressivas nos momentos em que buscavam seus direitos, seja nas lutas agrárias, seja nas lutas por um país democrático.

Na medida em que sua influência determinou mudanças consideráveis nesses movimentos sociais, seu papel nesses espaços foi de extrema proeminência, tornando-se um formador de indivíduos capazes de defender-se, usando de argumentos embasados e assim não mais se apresentarem como analfabetos totais, pois a partir das ações de Julião eles se alfabetizaram politicamente e por consequência a alfabetização, relacionada a leitura e a escrita, também acontecia.

Por estes motivos a análise realizada evidencia seu desempenho como educador social, informando e formando os camponeses para a mudança de realidade, assim como a educação formal que busca instruir os alunos para que vivam em sociedade, sabendo de seus direitos e deveres, Julião fazia esta agitação entre os camponeses. Portanto, o objetivo de situa-lo como educador social foi atingido, na medida em que sua atuação explicitou essa característica.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Julião transformou-se num educador social em meio à sua luta pelos explorados do campo, em sua maioria absoluta analfabetos, eram poucos que escreviam e próprio nome e menos ainda quem conseguia ler, o que dificultava os seus embates com quem os explorava. Sua maior contribuição foi a educação política daquela gente, esse era o foco de sua atuação, mas isso gerou naqueles camponeses a vontade e a necessidades de aprenderem a ler e a escrever.

O desconhecimento de muitas questões relacionadas a seus direitos, a falta de informações e argumentos contribuía para o processo de exploração. Assim, usando seus conhecimentos ligados à área jurídica e também seu conhecimento de mundo, conduzia verdadeiros processos educativos, que tinham como principais instrumentos o Código civil e a Bíblia. Tal escolha se dava porque tais instrumentos impressos eram respeitados pelo povo mais simples como fonte da lei escrita dos homens e de Deus.

A paridade entre classes sociais era (e ainda é) tomado como um sonho já que o Brasil é um país em que a Justiça Social é tida como algo inatingível pela maioria da população, que lutou e ainda luta para atingir estes objetivos. Julião e outras personalidade como ele, tiveram forte influência, contribuindo para que os camponeses que exigiam sua dignidade de forma mais concreta, em um movimento social, que conseguiu ultrapassar um período de forte repressão e entusiasmar outros grupos. Suas ações determinaram o futuro do movimento de Ligas Camponesas, a partir do conhecimento, da formação política que por consequência exigia que estes aprendessem os rudimentos de escrita e leitura.

As duas publicações que usava também como estratégias de aproximação, pois apesar de ter sido procurado por um pequeno grupo, muitos outros camponeses, mantinham o temor de serem expulsos e se mostravam arredios, assim para convence-los de seus direitos ele se aproximada pela religiosidade e depois instruía pela lei (Bíblia, e Código Civil) e assim conseguia transmitir as informações que pretendia e instrui-los para que não sofressem ações

arbitrarias e assim o medo que guardavam dos senhores, era substituído por certa coragem que lhes permitia lutar por seu espaço.

Para dialogar com os camponeses ele usava o código civil e a bíblia, para que pudesse ser identificado por todos como um conhecedor das leis dos homens e das normas de Deus, se mostrando preparado e preocupado com o processo de mudança do status quo presente. A forte religiosidade popular provera a aproximação e a confiança, pois ao falar em Deus se mostrava uma pessoa correta à visão dos mais simples, agindo de forma até contraditória a seu posicionamento, por ser ateu (desde os 18 anos), mas isso foi uma estratégia metodológica que obteve sucesso.

Desta forma, conseguiu conquistar e instrumentalizar de forma um tanto quanto rudimentar os ruralistas de Pernambuco, em suas formas de organização para a luta transformando a sombra da submissão em força e argumentos para que seus direitos como seres humanos fossem respeitados, realizando um processo de humanização – assim como a educação.

Ao promover a discussão em torno de sua biografia fica claro que desde o berço, sofria forte influência de pessoas que promoviam a mudança em seu em torno, como o exemplo de seu avô, e durante sua vida escolar agindo de maneira simples, mas que conseguia modificar situações que podem parecer ser importância, mas que demonstram a preocupação com o semelhante. A apresentação da biografia que foi colocada como um dos objetivos específicos, conseguiu definir como o agitador, talvez o último do Brasil, já que hoje ninguém gosta de ser chamado assim (SANTIAGO, 2001).

E além do perfil constituído para se chegar a possível solução do problema de pesquisa levantado, se faz necessário delimitarmos o espaço de sua ação, para que consigamos vislumbrar sua influência e assim foi feito, ao tratarmos da formação das Ligas Camponesas, conseguimos mensurar este impacto e como sua ação determinou todo um movimento de aprendizado político.

Após esse levantamento histórico e termos visualizado as ações de um intelectual, agitador em um meio simples, ambiente que cresceu em um período de forte movimentação social e foi suprimido por um duro golpe (militar), que o

desarticulou, mas mesmo assim as lutas não foram perdidas e para constituir um documento em que ficassem registrados as agonias do cárcere, mas a esperança de dias melhores, nasce a publicação Até Quarta, Isabela!, que apresenta de forma lírica todo o sofrimento e amarguras de quem percebia os erros dos golpistas.

Antes da leitura desta publicação é necessária o entendimento no que tange as ações de seu autor, pois ela como já apontado apresenta de forma eufemística todos os acontecimentos, e por este motivo merece uma atenção maior. Entretanto apesar de toda a poesia impregnada, esta publicação é um marco no aspecto de ser uma compilação de saberes que como o próprio Julião escreve, são “doses diminutas, comprimidas, homeopáticas”, mas que trazem à tona todo um levantamento histórico, filosófico e sociológico e assim permite a quem ler se informar e formar um conceito sobre determinados acontecimentos, assim como Julião fez junto as Ligas Camponesas.

Após os expostos, afirmamos que Francisco Julião constituiu-se em grande educador social, mesmo não sendo lembrado na atualidade por este título, na medida em que militou e orientou nas causas das ligas camponesas, até antes da formação dessas, e usou de metodologias, que não correspondem àquelas utilizadas no ambiente escolar, mas que atendiam as necessidades dos indivíduos que estavam em volta de Julião (Assim como fez Paulo Freire), que o transformaram em instrumento de ensino e orientação aos camponeses, de forma a ajudá-los na construção de possibilidades de mudanças nos ambientes em que atuou, promovendo a saída da condição de explorados, mas não dependo que outros façam, quem fez este movimento foram os próprios explorados.

REFERÊNCIAS

_____, Pablo F. de, **Os usos da memória: História de vida e identidade política de Francisco Julião**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA, 10., 2010, Pernambuco. ..Pernambuco: ., 2010. p. 01-14.

A.PORFÍRIO, Pablo F. de. **A trajetória política de Francisco Julião: Considerações sobre as ideias de revolução e anistia no Brasil**. In: ANPUH-SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXV., 2009, Fortaleza... Fortaleza: ., 2009. p. 01-15.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Especial. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012. 217 p.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (Brasil). **Anos de Incerteza (1930 - 1937) Golpe do Estado Novo**. Disponível em:
<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-7/GolpeEstadoNovo#top>>
Acesso em: 19 set. 2013.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO (Brasil). **Biografia de Joaquim Nabuco**. Disponível em:
http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2858&Itemid=866
Acesso em: 10 nov. 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. In. Ensaio, avaliação, políticas públicas e Educação, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan./mar. 2006. Visitado em 05/09/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

JULIÃO, Francisco. **Até quarta, Isabela!**. São Paula: Vozes, 1986. 64 p

MORAIS, Clodomir Santos de. **História das Ligas Camponesas no Brasil**. In:

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Desafios da pesquisa com gênero de escritos: memória e**. 2004. 11 f. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2005.

SANTIAGO, Vandeck. **Francisco Julião: luta, paixão e morte de um agitador**. Recife: Assembléia Legislativa, 2001. (Série Perfil Parlamentar Século XX). 126p.

SANTIAGO, Vandeck. **Francisco Julião luta, paixão e morte de morte de agitador**. In: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE PERNAMBUCO, 1., 2001 Pernambuco. .. Recife: .,2001. P. 01-29.

STEDILE, João Pedro. **História e natureza das Ligas Camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. P. 71-76.